

NOTA SOBRE JULIÃO BÉRANGER

Se quem propõe ou disputa problema não está obrigado a resolvê-lo, como disse o Padre Antônio Vieira em sermão pregado em Odivelas, a minha dúvida acerca de Julião Béranger fica para quem souber esclarecê-la. O fato é que tem sido atribuído ao marceneiro francês o estilo de móveis a que se dá o nome de Pernambucano ou Béranger, sem que até agora, ao que me conste, tenha sido apontada uma peça sequer documentadamente autenticada como obra sua. A questão é de interesse para os pernambucanos, e parece-me que não deverá permanecer por mais tempo sem elucidação.

No curso de pesquisas que venho realizando para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ainda não tive a sorte de encontrar qualquer esclarecimento a respeito. Entretanto, não parece difícil obtê-la aos que se dispuseram a remexer os livros de despesas e receitas de repartições públicas como o Palácio do Governo, o Teatro de Santa Isabel ou Ginásio Pernambucano, onde existem móveis que lhe são atribuídos.

Acerca do próprio Julião Béranger tenho recolhido alguns pormenores que não são de desprezar, porque muito pouco até agora se sabe a seu respeito. Quem primeiro a ele se refere é Pereira da Costa, que se enganou, porém, no seu nome, atribuindo-lhe o do filho. No conhecido "Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco" escreveu: "Em 1820 Francisco Manuel Béranger, habilíssimo artista francês, estabeleceu uma grande oficina de marceneiro na rua da Florentina, montada com o que havia de mais aperfeiçoado em maquinismos e ferramentas, e tendo a seus serviços bons oficiais, fabricava belos móveis, de modelos novos e elegantes e de uma perfeição admirável. Foi Béranger quem introduziu entre nós o uso do verniz de boneca, que era desconhecido, e usado apenas o de pincel; e admitindo grande número de rapazes nacionais como aprendizes tornaram-se depois peritos oficiais de marceneiro.

"Béranger teve um filho em Pernambuco, de igual nome, que mandou estudar em Paris, e depois de seis anos de aprendizagem em diversas fábricas e oficinas, regressou para o Recife em 1846, trazendo apurado conhecimento profissional de marcenaria, tapeçaria, marchetaria, entalhadura e torneado; e estabeleceu então uma grande oficina de marcenaria na rua do Colégio nº 2, que proporcionou mais largo desenvolvimento dessa arte entre nós.

"Era especialmente entalhador, e entre vários trabalhos seus que nos resta, nota-se o elegante púlpito da igreja de São Francisco do Recife, de bela e primorosa escultura, que fez em 1850; e além disso era bom desenhista".

Gilberto Freyre ofereceu no seu livro *Um Engenheiro Francês no Brasil* outras informações. Depois de retificar Pereira da Costa, de que o nome do artista era Julião Béranger ou Bérenger, tendo o filho o de Francisco Manuel, juntou as que as suas pesquisas lhe apontaram. Recordou que provavelmente se deve referir a Julião a menção feita por Tollenare de que existia no Recife, em 1817, um Béranger marceneiro: "Um só operário, um marceneiro de Nantes chamado Béranger, parece ir arranjanando a vida". Citou ainda o diário de Vauthier, em 1840: "Vu le père Béranger qui est ici depuis 25 ans et qui ne songe plus a s'en aller" (estaria aqui, portanto, desde antes de 1815, o que permite aceitar a identificação com o marceneiro de Nantes, de Tollenare). Mencionou também que Julião Béranger em em nuncio no *Diário de Pernambuco* de 12 de janeiro e 16 de dezembro de 1842 comunicava que tinha para vender na sua oficina a rua da Florentina nº 14 diversos moveis, como "Cadeiras americanas com assentos de palhinha, camas vento com armação e sem ela, muito bem feitas, a 4\$500, ditas de pinho a 3\$500, marquesas de conduru,

mesas de jantar e cômodas de amarelo e de angico, assim como outros trastes; e pinho da Suécia com 3 polegadas de grossura, dito serrado, tudo mais em conta do que em outra qualquer parte".

Ainda não tive ocasião de ver autógrafa do artista, mas parece preferível a grafia Béranger - e não Bérenger - pois era a que usava o filho Francisco Manuel, como pude verificar de sua assinatura no registro de entrada como membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz do bairro de Santo Antônio do Recife (arquivo respectivo, livro 46, fis. 101v).

Julião Béranger ou Julião Antônio Fortunato Béranger, durante um certo período teve "loja francesa" de fazendas, jóias e louças, como se comprova do anúncio publicado no *Diário de Pernambuco* de 3 de dezembro de 1835: "Na loja de J. Béranger & Companhia, rua Nova D.4, acham-se à venda os seguintes objetos: um grande sortimento de obras de filigran, bem como riquíssimos adereços, fivelas para cinto, brincos, rosetas, cruzeiros, corações e abotoaduras, tudo com diamante, esmalte e sem ele. Excelentes duquesas, uma nova fazenda de lã e seda de gosto moderno para vestidos de senhoras... sapatos de marroquim, de cetim, de duraque e de couro de lustro para senhoras... estojos com todos seus pertences para barba e outros ditos para costura de senhora com música, perfumarias, um grande sortimento de garrafas, compoteiras, copos d'água, ditos para vinho, saleiros, mostardeiras e açucareiros, etc., etc., para homens e meninos... chicotes para cavalos, excelentes tesouras e canivetes e outros muitos objetos que deixam aqui de ser mencionados, tudo por preço cômodo e do melhor gosto".

Em 1840 já havia deixado a loja da rua Nova e voltado marcenaria, abrindo oficina na rua da Florentina, pois de 28 de setembro e 19 de outubro são os seus anúncios no *Diário*, de camas de vento "muito bem feitas" a 4\$000. Na oficina vendia também, ao lado dos móveis (salientando-se marquesas, sofás e mesas de jantar), "jacarandá superior chegado do Rio de Janeiro e "pedras de mármore redondas para mesas do meio de sala e ditas para cômodas" (*Diário* de 4 de janeiro de 1844). Dali é que lhe fugiram de casa um papagaio de estimação (*Diário* de 14 de janeiro de 1840) e o escravo empalhador José Ponchet (*Diário* de 27 de junho de 1844).

Em 1847 (*Diário* de 9 de junho) anuncia: "Precisa-se de oficiais de marceneiro, estrangeiros: na rua da Florentina nº 14, casa de Béranger". É possível que um desses oficiais de marceneiro de sua casa tenha sido Lourenço ou Francisco Bento Lourenço Pugi, viúvo, que em 16 de dezembro de 1846 casou com uma filha de Julião, de nome Cândida Brígida (Matriz de Santo Antônio, livro 62 de casamento, fls. 217v). Pugi, "marceneiro de Paris", abriu a loja e oficina na rua Nova nº 45, anunciando "um bonito sortimento de sofás, marquesas de jacarandá, angico e pau d'óleo, mesas redondas e bancas para sala de mesma madeira, mesas quadradas, camas grandes de angico, ditas de vento, cadeiras, tudo por um preço muito diminuto. Conserta mobílias antigas e faz também novas ao mais moderno gosto de Paris" (*Diário* de 25 de agosto de 1847).

Os anúncios de jornal dão a impressão de que Pugi prosperou, pois em 1848 avisou que acabara de receber "um sortimento de trastes de mogno do mais moderno gosto, bem como folhas de jacarandá, mogno e outras madeiras de folhear". Encarrega-se "de fazer toda qualidade de mobília que se poder desejar, por ter recebido desenhos das mobílias modernas que agora se usam em França" (*Diário* de 5 de maio de 1848). Em 1849 (*Diário* de 30 de janeiro) o seu anúncio tem o título pomposo de "Fábrica de todas as qualidades de mobília francesa, no último gosto de Paris em Pernambuco", e dizendo-se "bem conhecido das pessoas notáveis desta cidade" comunicava "aos seus numerosos fregueses e geralmente a todo o respeitável público pernambucano, que já lhe deu tantas provas de ser amante do bom gosto, que ele tem aumentado sua fábrica e está habilitado para empreender qualquer mobília que se lhe encomendar" .

Com mais de 30 anos de residência em Pernambuco, por essa época, enquanto o genro prosperava, começou decadência de Julião Béranger. É de 1849 a primeira referência que conheço, à situação econômica do artista francês. Do *Diário* de 29 de outubro consta: "Terça-feira, 30 é a última praça dos móveis e semimoventes penhorados a Julião Béranger por seus credores: a praça deve ter lugar no armazém do mesmo Béranger rua da Florentina". E, pouco depois (*Diário* de 24 de novembro do mesmo ano): "Perante o Sr. Juiz Municipal da Segunda Vara se há de arrematar no dia 24 do corrente, por ser a última praça, o prédio da rua da Florentina que se acha hipotecado por Julião Béranger ao exequente José Antônio Lourenço, a requerimento de quem vai ser arrematado o dito prédio".

Dois anos depois, em 1851, prosseguiu a penhora (*Diário* de 7 de novembro): "No dia 11 do corrente mês, se há de arrematar finda a audiência do Sr. Dr. Juiz do cível da primeira Vara, 26 escravos, mobília, madeiras e outros objetos, pertencentes a Julião Béranger, por execução de Antônio Gomes Vilar contra ele" etc. Ainda depois de sua morte continuaram as cobranças judiciais e o *Diário* de 26 de maio de 1854 publica carta de edito em que se faz citação de um filho seu, ausente, em decorrência de uma ação ordinária movida por João Vignes para recebimento da quantia de 3:340\$000, "juros da importância de duas letras mercantis já vencidas e protestadas", aceitas por Julião Béranger. O dr. José Joaquim de Moraes Sarmento na "Notícia Biográfica do Dr. José Eustáquio Gomes" recorda do ilustre médico, a propósito da caridade com que acudia a todos os que, necessitados, o procuravam, o seguinte: "Basta dizer a este respeito que se achava já quase agonizante no leito da morte, e ainda tudo quanto possuía estava servindo de fiança nas intrincadas demandas do falecido Béranger, seu antigo doente, cuja infeliz família tentou debalde salvar das garras da miséria" (*Diário* de 20 de maio de 185).

Julião Béranger morreu pouco mais de um mês antes do seu amigo e fiador. O registro do óbito está lançado no livro respectivo, do período 1849-1856, da Matriz de Santo Antônio do Recife, fls. 183-183v., o qual aqui se divulga pela primeira vez: "No dia 1º de novembro de 1853, nesta freguesia de Santo Antônio faleceu de erisipela, com todos os sacramentos, Julião Béranger, branco, casado com Joana Maria Béranger, com a idade de 64 anos: foi sepultado no Cemitério com hábito branco. Do que para constar mandei fazer este termo. O Vigário Venâncio Henriques de Resende".

Béranger foi casado com Joana Maria Ruelland ou Rúilland, falecida com 70 anos em 25 de outubro de 1860, e deixou os seguintes filhos: Francisco Manuel (casado a Primeira vez com Maria Margarida Celeste Days, francesa, e a segunda com Maria Luíza Helena, pernambucana; faleceu em 18 de agosto de 1857), Cândida Brígida (casada em 16 de dezembro de 1846 com Lourenço Fugi), Adolfo Bernardo (casado em 12 de dezembro de 1849 com Guilhermina Leopoldina da Cruz Melo), Ernestina Vitorina e Julião Antônio Fortunato Béranger, acerca dos quais não tenho informações.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 fev., 1954;